

**MUSEU DA VIDA | CASA DE OSWALDO CRUZ | FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DA CIÊNCIA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO CECIERJ
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA
TECNOLOGIA E DA SAÚDE**

BRUNO DA SILVA MUSSA CURY

**PARA VER, OUVIR E SENTIR:
UM CASTELO DE MUITAS HISTÓRIAS**

**RIO DE JANEIRO
Janeiro de 2010**

BRUNO DA SILVA MUSSA CURY

**PARA VER, OUVIR E SENTIR:
UM CASTELO DE MUITAS HISTÓRIAS**

Monografia apresentada ao Museu da Vida|Casa De Oswaldo Cruz|Fundação Oswaldo Cruz, para a obtenção do título de especialista em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde.

Orientação:

Prof^a. Dr^a. Luisa Medeiros Massarani

Msc. Roberta Nobre da Camara

**RIO DE JANEIRO
Janeiro de 2010**

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste curso de especialização o contato com algumas pessoas foi fundamental:

Na Fundação Oswaldo Cruz, tive o apoio de Rosicler Neves e Alessandro Franco Batista; a colaboração, compreensão e amizade de Claudia Oliveira e Fernanda Pires, sobretudo para o fechamento desta monografia; a importante colaboração para a elaboração do roteiro para o áudio-guia de Wanda Hamilton; a acolhida de Christina Rivas, Marina Ramalho e Catharina Chagas no período de seleção das fontes; o atendimento de Jean Maciel para as minhas inúmeras solicitações ao Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz; a participação de Marcela Sanches, Verônica Nogueira e todos os monitores do Passado e Presente / Museu da Vida que indiretamente foram importantes para que algumas questões pudessem despertar e contribuir para a elaboração desta pesquisa.

Aos colegas da turma, em especial aqueles com quem pude contar na elaboração de trabalhos para o curso ou me apoiaram de outras maneiras: Barbara de Oliveira, Paula Barja, Marcelo Neves, Ana Karla da Silva, Daniele Gonçalves, Rojane Fiedler, Fernando Lopes e Juliana Campos.

Maria Inez da Silva, Ana Paula Cury, José Mussa Cury e Érica Sanches pela acolhida de sempre e compreensão em minhas ausências.

Sérgio Horovitz, da produtora Proview, que se dispôs a nos auxiliar na produção do material sonoro.

Roberta Camara, pela orientação desde a elaboração do pré-projeto.

Luisa Massarani, por inspirar e acreditar na idéia e pela compreensão e dedicação na orientação para a formulação deste trabalho.

A todos, o meu sincero agradecimento.

O tempo, mas não aquele que marcam os relógios de gare, cujo ponteiro grande dá saltos bruscos, de cinco em cinco minutos, senão o indicado por relógios pequeninos, cujo movimento de agulhas permanece imperceptível, ou o tempo que a relva leva para crescer, sem que nenhum olho perceba, apesar de fazê-lo constantemente, o que um belo dia se torna um fato inegável; o tempo, uma linha composta de um sem-número de pontos sem extensão , (...) o tempo, à sua maneira silenciosa, imperceptível, secreta e contudo ativa, havia continuado a trazer consigo transformações.

Thomas Mann – A Montanha Mágica¹

¹ Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 974.

RESUMO

Este projeto teve como objetivo desenvolver uma estratégia de mediação do Museu da Vida para área de visitação dedicada ao edifício sede da Fiocruz, o Castelo Mourisco. Em particular, desenvolvemos um roteiro para um áudio-guia, para ser usado pelo visitante ao percorrer o espaço. Nossa finalidade é que tal áudio seja colocado à disposição do público visitante ao Museu e no *site*, em formato *mp3* capaz de ser ouvido em *mp3 player* – aparelho hoje amplamente disseminado em vários setores sociais para ouvir música. Para desenvolver o roteiro, realizou-se pesquisa no acervo *Memória de Manguinhos*, que possui depoimentos orais de personagens que percorreram a história da instituição, além de livro de memória de destacados cientistas que presenciaram o surgimento do Instituto. Visamos despertar a imaginação do visitante, auxiliando na reconstituição mental da atmosfera vivida por personagens que frequentaram o castelo, da antiga paisagem transformada pelo tempo e do clima dos antigos laboratórios presentes no local, evocando sons e músicas que inspiram épocas passadas. Nossa expectativa é, com este projeto, a obtenção de uma estratégia que auxilie na compreensão do processo histórico e do desenvolvimento da Fundação Oswaldo Cruz, instituição que é significativamente ligada à história das ciências e da saúde no Brasil.

Palavras-chave: história e mediação; história e ciência; memória de Manguinhos.

SUMÁRIO

1– INTRODUÇÃO	6
2 – FUNDAMENTANDO HISTÓRIA E MEDIAÇÃO.....	10
3 – A MEDIAÇÃO NO CASTELO MOURISCO.....	17
4 – METODOLOGIA.....	20
4.1 Gravações analisadas.....	22
5 – O ÁUDIO-GUIA PARA O CASTELO MOURISCO.....	30
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
FONTES.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	53
ANEXO.....	55

1- INTRODUÇÃO

Desde a seleção para o Curso de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, nosso foco foi a aquisição de elementos que fundamentassem o desenvolvimento de um novo produto para mediação da visita ao Castelo Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que fica situado no bairro de Manguinhos, Rio de Janeiro, e é parte do circuito do Museu da Vida. A associação de minha formação em história com o trabalho como mediador do museu por quase dois anos se somam ao interesse que o prédio naturalmente desperta, tanto na representatividade que este local tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pode proporcionar aos brasileiros, como pela obstinação inspiradora dos pioneiros da saúde aos amantes da ciência e tecnologia. Isso nos motivou a elaborar uma forma diferenciada de divulgar este espaço.

Atualmente, a visita ao Castelo Mourisco está inserida em um contexto contraditório. Por um lado, o Castelo faz parte do circuito de um museu que tem por objetivo informar e educar em ciência, saúde e tecnologia “de forma lúdica e criativa, através de exposições permanentes, atividades interativas, multimídias, teatro, vídeo e laboratórios”². Dentro dessa perspectiva do Museu da Vida, brincar, correr e interagir com equipamentos são ações esperadas por parte do público visitante. No entanto, o Castelo é um espaço com limitações para o exercício dessas diferentes formas de interação, pois é o edifício sede da

² Site do Museu da Vida:

http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=20

Acesso em 26 de janeiro de 2010.

Fiocruz, abrigando uma série de atividades administrativas – incluindo a própria Presidência da instituição. Portanto, para o Castelo, há uma necessidade ainda mais evidente de que se utilizem meios alternativos para tornar a visitação mais instigante. Aliado a reflexões dessa ordem, tivemos conhecimento, através de Luisa Massarani, de uma estratégia usada na visitação a Alcatraz, no Estados Unidos: ali, um sistema de áudio guia o visitante pelas celas da prisão. Tal áudio inclui depoimentos históricos de pessoas que viveram no local e de seus familiares, bem como diferentes sons que “convidam” o visitante a se sentir parte do cotidiano da ilha.

Sendo o Museu da Vida vinculado à Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade da Fiocruz na qual se realiza estudo na área de história das ciências, surgiu a idéia de produzir um sistema de áudio-guia semelhante à proposta de Alcatraz. Temos a disposição um vasto acervo de depoimentos orais criados pelo programa de história oral da COC, que está arquivado no Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da unidade. As entrevistas contêm relatos de diferentes trabalhadores da instituição, fruto do trabalho realizado pelo Projeto de Historia Oral *Memória de Manguinhos*, que atualmente possui um acervo de cerca de 330 horas de entrevistas com pessoas ligadas à história da instituição. Tal projeto faz parte de uma linha de pesquisa mais ampla que gerou produtos como o livro coordenado por Jaime Benchimol, *Manguinhos do Sonho a Vida: a ciência na belle époque*, que também é uma referência para o nosso trabalho. Somam-se aos depoimentos do acervo, outros provenientes de ricas fontes escritas: os livros dos Cientistas Carlos Chagas Filho, Ezequiel Dias e Henrique Aragão com suas memórias acerca deste tema.

Diante dessas possibilidades, decidimos criar um áudio-guia de uso individual que servisse como um sistema de interação entre público visitante do Museu da Vida e o Castelo Mourisco. Nosso objetivo geral neste projeto é criação de um roteiro para este áudio-guia, que propicie aos visitantes uma imersão na história do Castelo e, conseqüentemente, da instituição. Mais do que

realizar um guia descritivo das dependências do Castelo, buscamos incorporar na narrativa recursos de sonoplastia, músicas e, o principal, depoimentos de atores históricos a respeito da construção, do cotidiano de trabalho e da convivência entre cientistas e trabalhadores diversos.

Para orientar o desenvolvimento do nosso projeto, realizamos as seguintes etapas:

- Pesquisa e análise das gravações de entrevistas de personagens históricos da Fiocruz presentes no acervo *Memória de Manguinhos*, DAD - COC, para obtenção de depoimentos para o áudio-guia;
- Pesquisa e análise dos livros com as memórias de Carlos Chagas Filho, Henrique Aragão e Ezequiel Dias para obtenção de depoimentos para o áudio-guia;
- Elaboração do roteiro com base nos depoimentos selecionados na pesquisa.

Nossa finalidade é que tal áudio seja colocado à disposição do público visitante em formato *mp3*, portanto, podendo ser ouvido em aparelhos (*players*) muito difundidos na população. O formato permite ainda, que o áudio seja colocado no *website* do Museu da Vida.

Esperamos que, quando efetivamente gravado, o áudio-guia permita ir além de convidar o visitante a interagir com a beleza da arquitetura e do visual do Castelo: pretende-se despertar sua imaginação, auxiliando na reconstituição mental da atmosfera vivida por personagens que freqüentaram o Castelo, da antiga paisagem transformada pelo tempo e do clima dos antigos laboratórios presentes no local, evocando sons e músicas que inspiram épocas passadas.

Aqui formulamos uma forma de apropriação desta história institucional como fonte para a divulgação científica em um prédio histórico cuja visita a ele faz parte do circuito de um museu de ciências. Como já afirmado, temos como

produto final o projeto, um roteiro de visita a ser editado com os recursos sonoros mencionados para que sejam disponibilizados em formato digital para utilização em *mp3 player*. As páginas que seguem se dedicam a tratar de sua formulação.

2 – FUNDAMENTANDO HISTÓRIA E MEDIAÇÃO

Antes de tratar do produto desenvolvido no âmbito do curso de especialização – o roteiro do áudio –, cabe uma reflexão sobre o que poderia motivar a criação de um sistema de áudio-guia para a visita do espaço em questão, a saber, o Castelo Mourisco da Fiocruz. Quando falamos deste prédio, precisamos ter em mente que estamos tratando de uma edificação idealizada para ser um símbolo, para atrair a atenção para a questão médico-científica num país que até então fundamentava sua economia num modelo aro-exportador pós-escravista. Importa termos em mente uma forma de buscar na história as motivações para que algo de tamanha envergadura fosse construído no lugar onde foi – Manguinhos era uma área rural do Rio de Janeiro. Ao visitante ocasional, pode haver uma certa distância nesse tipo de reflexão, visto que atualmente o lugar é integrado a malha urbana da cidade e relativamente próximo ao Centro. Talvez por conta disso não sejam incomuns questionamentos durante a visita tais como: “quanto custou fazer tudo isso?”; “era mesmo necessário um castelo como este para abrigar laboratórios?”; “essa foi uma daquelas obras em que desviaram muita verba, né?!”.

Não podemos compreender o crescimento da instituição e, conseqüentemente, a construção do Castelo, sem compreender a conjuntura vivida no período em que Oswaldo Cruz esteve no cargo de Diretor Geral de Saúde Pública. Ações da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) tiveram grande repercussão no período em que atuou em conjunto com as grandes obras da reforma urbana que esteve em curso no Rio de Janeiro – então capital

do Brasil – no princípio do século XX, o que nos auxilia numa caracterização deste momento.

O contexto era de princípio do período republicano sob a administração de civis, a imigração europeia era estimulada, as relações comerciais com estrangeiros se ampliavam e a principal mercadoria para exportação, o café, vivia uma crescente demanda externa. Fatores que faziam aumentar as necessidades de melhora, adequação e saneamento dos espaços de circulação, tanto das pessoas quanto de mercadorias, sobretudo no rio de Janeiro.

Em 1904 é iniciada uma reforma dos serviços sanitários, que dotou a DGSP de uma grande soma de atribuições, reforçando a participação da União na área de saúde. Um dos primeiros alvos do plano reformista foram as formas de moradia dos populares, sendo que neste momento parte da elite econômica e política brasileira (ligada direta ou indiretamente à produção agrícola exportadora) aspirava um centro urbano semelhante ao de países capitalistas desenvolvidos europeus, o que era interpretado como sinônimo de civilização. Observa-se, portanto, vontade política para transformação baseada na idéia de que a melhoria da imagem poderia trazer também mais possibilidades de ampliação dos negócios com estrangeiros, o que pode caracterizar uma motivação político-econômica.

No circuito de visitação do Museu da Vida, busca-se apresentar ao visitante a história situando o Castelo Mourisco na conjuntura descrita anteriormente: suas origens, o trabalho de Oswaldo Cruz e outros pioneiros, os desafios enfrentados pelos sanitaristas no princípio do século XX e a importância da representatividade desta esmerada constru o para o desenvolvimento da institui o e das pesquisas em seu campo. Mas este   um trabalho que esbarra em algumas dificuldades que são impostas ao local e por vezes acabam não deixando o visitante satisfeito com a explica o. Isto ocorre porque por mais que haja um esforço de se expor as contradi es em que Oswaldo Cruz se envolveu para abrir caminho para o modelo pasteuriano no

Brasil; o conteúdo acaba sendo expresso de uma maneira prioritariamente expositiva, em um modelo em que uma pessoa que possui o conhecimento apresenta as informações para outra. Portanto, pensar uma estratégia que busque levar ao visitante à reflexão do que foi o sentimento de estar presente no Castelo em diferentes fases de seu desenvolvimento no curso da história, pode ajudar a estimular a curiosidade do visitante, incentivando-o para a busca pelo conhecimento.

Os museus e centros de ciência, segundo Lopes (2009), também podem ser entendidos em si como artefatos históricos que “materializam, institucionalizam, *musealizam*, os contextos sociais, culturais, científicos, políticos em que se forjam” (p. 199). A autora afirma que pensar a história desses locais tem sido um desafio que alguns pesquisadores da área vem perseguindo. Norteados por essa reflexão, cabe uma outra acerca do nosso caso específico. O Museu da Vida é de fato um museu de ciências que pode ser entendido em si como um artefato histórico, e o Castelo se apresenta como área de visitação ideal para que se elaborem iniciativas que visem este tipo de exploração - por suas formas, sua arquitetura e sua história - para uma exploração lúdica. A descrição de Renato Gama-Rosa (2007)³, demonstra bem a composição deste ambiente:

A fidelidade formal adotada no castelo de Manguinhos se faz sentir nos azulejos policromados de motivos geométricos (industrializados de origem portuguesa), com paginação ao infinito; os mosaicos cerâmicos imitando tapeçaria; os arcos em ferradura, tribolados ou dentados, em pares ou sozinhos; e, finalmente, na decoração das paredes que utiliza motivos geométricos com profusão de estrelas, polígonos, quadrados sobrepostos compondo estrelas de oito pontas, motivos vegetais,

³ Publicado também no *site* da Revista de História da Biblioteca Nacional:

<http://rhbn.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1164>

Acessado em 04 de Novembro de 2009.

epigrafia, escrita cursiva e inscrições de laçaria. A rica decoração das áreas nobres do edifício contrasta com o interior extremamente simples e funcional das salas dos laboratórios.

Neste quesito, a história aparece como ferramenta indispensável para divulgação, sendo a investigação de fontes diversas, instrumento para elaboração de uma mediação que vise instigar a sede pelo saber. São destacadas como contribuições dos estudos históricos a explicação de tensões que envolvem um processo, com as motivações, interesses envolvidos e as versões dos diferentes atores. A abordagem histórica pode favorecer uma cultura mais participativa e engajada na medida em que a exploração de possibilidades que a história oferece contribuem para o questionamento e conclusões fundamentadas em versões que permeiam a uma comunidade que tem suas memórias nos indivíduos. O sentimento de pertencimento ou reconhecimento pela sociedade de algo como seu encontra sua matéria prima, portanto, na história.

No âmbito da divulgação científica, a visita ao Castelo Mourisco enquanto circuito do Museu da Vida é uma excelente oportunidade para a exposição do confronto entre o passado e o presente da instituição científica internacionalmente reconhecida que abriga a ambos, a Fiocruz. Ligada diretamente ao cotidiano da população brasileira, por suas práticas em diversos âmbitos da saúde pública e enquanto órgão do Ministério da Saúde, essa instituição tem sua história vinculada ao desenvolvimento da pesquisa científica neste campo no Brasil. Sua posição atual é estratégica, abrigando atividades de desenvolvimento de pesquisas em diversos níveis, prestação de serviços hospitalares e ambulatoriais de referência em diferentes áreas; fabricação de vacinas, medicamentos, reagentes e kits de diagnóstico; ensino e formação de recursos humanos; informação e comunicação em saúde, ciência e tecnologia; o controle da qualidade de produtos e serviços; estudo de políticas de saúde e

implementação de programas sociais⁴. Associando os dados com o fato de a instituição ter sua sede administrativa numa construção em estilo neomourisco construída no princípio do século XX para abrigar laboratórios, temos elementos interessantes para a realização de um convite ao confronto com suas origens.

A passagem a seguir expressa justamente o período em que o instituto de Manguinhos passou por uma transformação que definiu os rumos de seu papel junto à população:

Em 1903, quando o Congresso discutia a reforma dos serviços sanitários, Oswaldo Cruz propôs que o (instituto) Soroterápico fosse transformado num instituto para estudo das doenças infecciosas tropicais, segundo as linhas do instituto Pasteur de Paris [...] deve ser encarregado da preparação de todos os soros terapêuticos, vacinas, com tratamento anti-rábico, a preparação de fermentos industriais, com o ensino da bacteriologia e da parasitologia, e se transformará em um núcleo de estudos experimentais [...] (BENCHIMOL, 1990, p. 26).

Uma visita ao Castelo Mourisco, portanto, pode evidenciar as razões de sua própria existência a começar pelo que representou sua construção em termos de definição da diretriz que Oswaldo Cruz desejou dar para a instituição. A edificação teve papel fundamental na expansão das pesquisas biomédicas e do ensino da microbiologia, redefinindo o papel de uma instituição que havia sido fundada para um fim muito menos ambicioso e se instalava em construções acanhadas adaptadas apenas para a realização do fabrico do soro contra a Peste Bubônica. A conjuntura e as motivações de atores confluem, portanto, para um entendimento das realizações que sucederam, e o Instituto de Manguinhos é possuidor de uma riqueza imensurável nesses termos para uma

⁴ Site da Fiocruz

<http://www.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=3>

Acessado em 10 de janeiro de 2010.

exploração lúdica de aspectos da história das ciências no Brasil partindo de sua própria história, que encontra um marco no seu Castelo.

Ao trabalho de mediação, cabe a busca por possibilitar o conhecimento tendo nas suas práticas a utilização de variadas modalidades de informação. A mediação, em seu papel educativo, deve promover o processo de aprendizagem estimulando o interesse pelo saber do público. O visitante de um museu de ciências aparece então como agente dessa aprendizagem, “tornando-se um estudioso autônomo, capaz de buscar por si mesmo os conhecimentos” (JABOR, 2009, p. 16).

Vogt e Polino (2003) organizaram um trabalho cujo tema são indicadores de percepção pública, cultura científica e participação cidadã na realidade da Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai como contribuição para compreensão e o entendimento das relações entre ciência, tecnologia e sociedade no mundo contemporâneo. Os autores consideram a relevância da pesquisa que apresentam na medida em que a geração de cultura científica na sociedade civil é um benefício social a ser alcançado, pois, ainda segundo os autores, “tem grande importância para a competitividade de uma nação e melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos” (p. 31). Em concordância com o que afirmam, serve como motivação ao nosso intento a ideia de que estamos criando um produto que sirva como contribuição para apreensão do público visitante do museu de temas relevantes sobre a ciência brasileira. Entendemos por isso que a estratégia de mediação que elaboramos por este projeto contribui para um reconhecimento da cultura científica nacional, proporcionando mais um meio de contribuição para o desenvolvimento social. Temos a possibilidade de fazer de um bem nacional relevante para a história das ciências no Brasil objeto de divulgação, sendo a história a principal ferramenta para esta divulgação.

Como proposta para uma mediação que tenha como a história como base, a criação de condições para a construção do conhecimento pelos próprios visitantes é uma possibilidade a ser considerada, em um processo em que a

mediação é ativa no processo educativo não formal sem se reduzir à condição de objeto. Ensinar, como afirma Paulo Freire (1996), sem que isto seja “transferir” o conhecimento, mas sim criar possibilidades para a própria produção ou construção por parte do público. Este pensador tem a visão de que por sermos seres humanos essa linha de raciocínio se fundamenta, pois os homens têm consciência de que são inacabados e é essa consciência que propicia a busca pelo saber que “nos instiga a pesquisar, perceber criticamente e modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando, então, a sermos sujeitos e não objetos de nossa história” (JABOR, 2009, p. 19).

O papel da mediação no Castelo pode funcionar como algo que repercute de fato na vida dos visitantes, pois nos permite trabalhar com elementos associados ao desenvolvimento do Brasil. Estimular a necessidade para reflexão da própria história do visitante (enquanto brasileiro) com o apelo à identidade que a edificação tombada como patrimônio histórico nacional hoje pode revelar. Um bem se torna patrimônio não por sua beleza, mas pela história que representa.

O Castelo enquanto espaço de visitação de um museu de ciência caracteriza-se como espaço privilegiado de divulga o científica, pois   um local que possibilita “uma perspectiva de compreensão histórica da evolu o do conhecimento” (SCHALL, 2002, p. 313). Também   possível utilizar o espaço para falar do hoje, incentivar o debate sobre os avanços científicos, figurando ele mesmo como prova deste processo.

  esperado, então, que a utiliza o da história estimule estas trocas e a permanente constru o de rela es entre o presente e o passado, isto  , para o êxito da iniciativa, a história não pode ser tratada como o que já passou. Desta forma, abre-se a possibilidade para um intercâmbio de ideias, com fontes que apontem diferentes versões sobre um determinado acontecimento.

3 – A MEDIAÇÃO NO CASTELO MOURISCO

A atual mediação do Museu da Vida no Castelo Mourisco é realizada pela equipe *Passado e Presente*⁵, que busca destacar aspectos históricos da origem da Fiocruz e a trajetória pública de seu patrono, o sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz. Geralmente, um estagiário do curso de formação para monitores do próprio museu acompanhado por um mediador profissional formado em uma área afim⁶ conduz o público pelas dependências do prédio.

O Castelo é o local que faz parte da visitação do Museu da Vida onde é apresentada a história institucional e de parte do desenvolvimento contemporâneo da pesquisa em saúde pública no Brasil. Idealizado pelo próprio Oswaldo Cruz, o edifício foi construído para abrigar laboratórios de Pesquisa do então Instituto Soroterápico Federal, conforme apresenta Jayme Benchimol (1990). Posteriormente, a instituição foi rebatizada por Instituto Oswaldo Cruz até se tornar a atual Fiocruz, que agrega diferentes unidades técnico-científicas e de apoio que se somaram. O espaço em questão, atualmente é um bem edificado tombado pelo IPHAN, o que o torna também local com grande

⁵ Nome dado à área de visitação do Museu da Vida destinada a realizar as visitas ao Castelo Mourisco.

⁶ Os mediadores profissionais das áreas de visitação são responsáveis pela capacitação dos estagiários, alunos do ensino médio, provenientes do Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros Culturais do Museu da Vida – além de atuarem também em parte da formação deles durante o curso propriamente dito. Nos momentos em que áreas de visitação do museu se encontram sem os monitores estagiários, os profissionais assumem integralmente a responsabilidade pela mediação.

demanda por sua representatividade. Recepções institucionais de diversas ordens costumam ser feitas no prédio, além da visitação pública que é parte do circuito do Museu da Vida.

O público que faz a visita guiada é bastante heterogêneo no que se refere à faixa etária, grau de escolaridade e níveis de renda: escolas, visitantes livres com informação prévia, funcionários da Fiocruz, pesquisadores de diversos países, curiosos que avistaram o Castelo quando passavam pela Avenida Brasil, moradores do entorno da instituição etc. Durante o percurso, um grupo de número limitado a 45 pessoas⁷ é conduzido a partir da entrada principal, na qual já se depara com a riqueza das cores, dos materiais da obra, as texturas, entre outros elementos que são destacados. O visitante é convidado a imaginar como era a paisagem, o mangue, a fazenda que se transformou no *campus* de Manguinhos, o mar atualmente distante que chegou a ser o principal acesso à instituição. Na mediação, busca-se também chamar a atenção para aspectos das curiosidades da construção com transformações do espaço geográfico no Rio de Janeiro, possível de ser visto das varandas.

A equipe que realiza a visitação ainda tem responsabilidades extras ao trabalho da mediação, pois precisa se ocupar do conteúdo a ser trabalhado e da segurança dos visitantes ao transitarem pelas escadas e varandas do Castelo, tudo sem causar transtorno aos que trabalham nas salas do prédio. Acrescenta-se ao quadro o fato de que no prédio há dificuldade de acesso para deficientes físicos e idosos, por conta das escadarias logo à entrada e do uso restrito do elevador do edifício⁸.

⁷ O que não é cumprido quando a demanda extrapola a capacidade de atendimento.

⁸ Nos dias úteis, o elevador do prédio é utilizado pela Presidência da Fiocruz, sendo usado pelo público somente em situações excepcionais. Nos finais de semana, o elevador não funciona impossibilitando o acesso, sobretudo, de idosos, que comumente vão em grupos ao museu nesses dias.

Ao pensar em um sistema de visitação para o Castelo Mourisco, precisamos levar em conta que o prédio atualmente é a sede da Fiocruz, incluindo a Presidência da instituição. Como tal, abriga no ambiente dos antigos laboratórios equipes que trabalham com tarefas administrativas e técnico-científicas, quatro salas de exposições museográficas - sendo uma para exposições temporárias, e as demais com exposições de longa duração -, um setor destinado à pesquisa na área de entomologia, e a seção de obras raras da Biblioteca de Manguinhos. Portanto, o Castelo é um local de intensa atividade institucional.

Partimos do pressuposto de que a visitação não pode ser a transformação do espaço em um “livro”, com informações escritas espalhadas pelo ambiente. Queremos, sim, comunicar sua história - o que foi vivido, quem trabalhou no local, as razões do estilo arquitetônico, a representatividade histórica que o leva a ser convertido em bem nacional, entre outros tópicos.

O Museu da Vida possui áreas temáticas em acordo com a lógica de que devem contemplar ao propósito interativo e lúdico de um museu de ciências, mas a visita ao Castelo possui particularidades que derivam da convivência da mesma com as demais funções do prédio, como já descrito. Para superar a condição de espaço do “não pode”⁹, nos norteia a noção de que o prédio não é somente um local de trabalho adaptado em antigas instalações laboratoriais, mas se trata de um bem nacional e área de visitação de um museu que tem compromisso com os seus visitantes.

Consideramos que a criação de um sistema de áudio-guia poderia ser uma proposta de incremento a este espaço. Tendo em vista a criação de estratégias e ferramentas para aumentar a exploração da interatividade do público com este espaço, buscamos formular algo que tem por objetivo estimular

⁹ As visitas ao castelo são precedidas de uma série de recomendações feitas pelo monitor: “não pode correr, não pode falar alto, não pode entrar nas salas, não pode caminhar desacompanhado por alguém do museu...”.

o interesse através do apelo a sentimentos e sensações. Observamos as possibilidades que poderíamos explorar com base no próprio prédio e nas fontes que encontramos disponíveis tanto em áudio como escritas e com isso vimos que seria possível criar algo totalmente novo para o público visitante do Museu da Vida.

4 – METODOLOGIA

Para a elaboração de um roteiro de áudio-guia baseado em relatos, foi necessário fazer, antes de tudo, um levantamento do acervo do projeto *Memória de Manguinhos*, que se trata de um acervo sonoro de cerca de 330 horas. Para ajudar na seleção dos trechos a ser utilizados, tivemos como ponto de partida a leitura dos resumos de todas as entrevistas. Nesta etapa, buscamos depoimentos que tratavam de questões que envolvessem a arquitetura e o cotidiano no Castelo e da instituição em seus primórdios. Entre os depoentes selecionados, procuramos incluir tanto os cientistas como outros profissionais – tipógrafo; técnico de laboratório; filho do mestre de obras; auxiliar de laboratório – de modo a demonstrar um pouco do universo de trabalhadores que participam do desenvolvimento da instituição. O passo seguinte foi ouvir na íntegra as gravações que identificamos que poderiam trazer contribuições para o áudio, em um total de cerca de 30 horas de gravação. Um aspecto importante a ser considerado é que um áudio tal como aqui proposto necessita ser curto, de forma a garantir que a atenção do visitante se mantenha acesa.

Os critérios para seleção destes depoimentos levaram em conta o conteúdo veiculado e o aprofundamento da fala a respeito de determinado assunto que fosse de nosso interesse analisando, juntamente, com a possibilidade de integrar a mesma ao guia. No entanto, a análise das gravações nos levou a uma mudança importante de rumo: inicialmente, tínhamos a intenção de utilizar os depoimentos originais no áudio. A decepção veio ao perceber que seria absolutamente inviável a produção de um áudio-guia de qualidade com os depoimentos originais, por diversos motivos: gravação

danificada, barulhos ao fundo, voz muito baixa ou trechos incompreensíveis sem a leitura das transcrições. Também percebemos que praticamente todos os trechos que interessavam estavam cortados pela fala do entrevistador. Dentro desse cenário, decidimos que as falas históricas seriam regravadas.

Ainda para identificar trechos de falas de personagens da época, analisamos livros de memórias de três personagens históricos da instituição: Carlos Chagas Filho, *Meu pai*; Ezequiel Dias, *O Instituto Oswaldo Cruz - resumo histórico 1899-1918*; Henrique de Bourepaire Aragão, *Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos)*.

Nossa proposta é que o roteiro seja dividido em quatro momentos independentes: (1) Origens do instituto e construção do Castelo Mourisco; (2) Cotidiano no instituto de Manguinhos; (3) Convivência entre trabalhadores de diversos setores; (4) Impressões a respeito de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. A razão que nos levou a dividir o áudio em quatro tópicos é que um áudio longo pode ser cansativo ou não atender aos interesses de um visitante. Os recursos sonoros mencionados foram idealizados para que sejam disponibilizados em formato digital *mp3*, para utilização em *mp3 player* – aparelho hoje amplamente disseminado em vários setores sociais para ouvir música. Nosso objetivo é colocar disponível, gratuitamente, um produto de fácil acesso, a ser oferecido ao visitante quando chegue ao Museu da Vida ou mesmo que possa obter o arquivo por *download* no *site* do Museu. Nesse contexto, o visitante pode levar para casa o arquivo, caso deseje ouvir novamente ou mostrar para amigos e familiares.

Outra vantagem que observamos neste produto tal como propomos é o fato de que ele pode ser viabilizado sem implicar em custos materiais para o museu, já que o meio pelo qual será disponibilizado é por um equipamento presente no cotidiano de grande parte da população. Para sua produção, contamos com a gentil oferta de Sérgio Horovitz, que ofereceu sua produtora,

Proview, para gravar o roteiro aqui desenvolvido, o que será realizado após a conclusão desta monografia.

4.1 Gravações analisadas

Como mencionamos anteriormente neste capítulo, a partir do levantamento inicial feito no acervo do projeto *Memória de Manguinhos*, identificamos depoimentos que tratavam de questões que envolvessem a arquitetura e o cotidiano no Castelo e da instituição em seus primórdios. O passo seguinte foi ouvir na íntegra as gravações que identificamos que poderiam trazer contribuições para o áudio, em um total de cerca de 30 horas de gravação.

Na elaboração do roteiro não foi possível a utilização de todos os entrevistados previamente selecionados para análise. Como optamos pela utilização das falas originais sem deixar de fazer referência aos depoentes, em muitas delas não conseguimos encontrar o elo necessário para associar os diferentes momentos do áudio-guia, conforme se delineavam. Na elaboração também tivemos que considerar a limitação do tempo relativamente curto (frente ao volume das entrevistas) para o roteiro de visita. Portanto, feita a análise das fontes orais, tivemos que descartar alguns dos entrevistados selecionados, onde priorizamos falas que contêm interessantes curiosidades a respeito do nosso tema e a necessária objetividade para serem inseridas no guia. Alguns entrevistados acabaram não sendo aproveitados neste momento, mas isso não significa que seus depoimentos não possam ser utilizados em outras elaborações do tipo que possam derivar do trabalho iniciado com este projeto.

Abaixo, apresentamos o total das gravações ouvidas referentes às fontes do acervo *Memória de Manguinhos*¹⁰:

1- Attílio Borrielo:

Tipógrafo contratado em 1920 pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

1ª Entrevista:

O trabalho no laboratório do diretor Carlos Chagas em 1931; o perfil administrativo de Carlos Chagas; a influência política de Carlos Chagas.

2ª Entrevista:

Descrição da ocupação física do prédio do castelo mourisco.

2- Carlos Chagas Filho:

Médico, filho de Carlos Chagas, frequentou o instituto desde a infância tendo efetivado-se como pesquisador no IOC em 1935.

1ª Entrevista:

O ingresso em Manguinhos com Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias; o método e a dedicação do pai à atividade docente.

2ª Entrevista:

¹⁰ Nos baseamos nos resumos das entrevistas que motivaram a consulta.

<http://www.coc.fiocruz.br/manguinhos/index.htm>

Acesso em 09 de junho de 2009

A admiração de Carlos Chagas por Oswaldo Cruz e o choque provocado pela morte deste; a influência estrangeira no desenvolvimento científico brasileiro; o caráter centralizador da gestão de Carlos Chagas IOC.

3ª Entrevista:

A desvalorização da ciência por parte das autoridades brasileiras.

4ª Entrevista:

A convivência com o arquiteto Luiz de Moraes, com o bibliotecário Overmeer e o fotógrafo J. Pinto.

Domingos Arthur Machado Filho:

Médico Veterinário, ingressou no IOC em 1935 como estagiário da Divisão de Zoologia Médica. Cerca de 16 anos depois, ainda em Manguinhos, foi contratado como bolsista e, posteriormente, como pesquisador e professor.

4ª Entrevista:

A orientação científica de Oswaldo Cruz para o IOC; o prestígio político de Carlos Chagas; o trabalho das mulheres em Manguinhos.

Francisco José Rodrigues Gomes:

Conhecido por muitos como Chico Trombone. Em 1918, seu tio, técnico de laboratório do IOC, levou-o a Lassance, Minas Gerais, região endêmica onde Carlos Chagas descobriu o *Trypanosoma cruzi*. Em 1925, com 14 anos, ingressou no IOC, onde iniciou suas atividades como técnico de laboratório.

1ª Entrevista:

O contato com pesquisadores e moradores locais durante o trabalho de campo; O entrosamento da equipe de trabalho do IOC e a dedicação às pesquisas.

Francisco Laranja:

Médico cardiologista, passou para o quadro de pesquisadores do IOC em 1944, quando então assumiu o cargo de pesquisador responsável pelo Setor de Pesquisa Cardiológica até 1953.

3ª Entrevista:

A política científica do IOC; a modificação na estrutura física de Manguinhos; o serviço fotográfico do IOC.

Haity Moussatché:

Médico, ingressou no IOC em 1930 como estagiário sendo contratado em 1937.

1ª Entrevista:

A influência das condições sanitárias do Rio de Janeiro sobre o fluxo migratório.

2ª Entrevista:

As disputas entre os pesquisadores na sucessão de Oswaldo Cruz.

Hamlet Willian Aor:

Foi o terceiro dos sete filhos do imigrante austríaco Basílio Aor, que trabalhou como mestre-de-obras do arquiteto Luiz de Moraes, autor do projeto arquitetônico do complexo de Manguinhos.

1ª Entrevista:

O trabalho de seu pai nas primeiras edificações do IOC, as primeiras edificações e a mão-de-obra estrangeira especializada; a importação de material de construção; perfil do pai; o relacionamento de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas com os funcionários.

Hugo de Souza Lopes:

Médico veterinário, ingressou em Manguinhos em 1931, como estagiário voluntário, sem remuneração, sendo contratado apenas em 1949.

1ª Entrevista:

Perfil de Oswaldo Cruz; a sucessão de Oswaldo Cruz no IOC; o museu de anatomia do IOC.

2ª Entrevista:

Os arredores de Manguinhos no início do século XX; a arquitetura do castelo mourisco; as pesquisas desenvolvidas na seção de entomologia do IOC; as funções dos auxiliares em Manguinhos; os efeitos negativos da pesquisa dirigida no desenvolvimento científico; a administração de Carlos Chagas; as expedições científicas dos pesquisadores de Manguinhos.

3ª Entrevista:

O prestígio internacional de Oswaldo Cruz e de Carlos Chagas.

José Cunha:

Contratado pelo IOC em novembro de 1924, aos 13 anos, onde aprendeu o ofício de técnico de laboratório.

1ª Entrevista:

O emprego do irmão como guarda sanitário; a evolução nas concepções de educação e saúde ao longo do século; o relacionamento entre os técnicos de Manguinhos; o conflito entre auxiliares e cientistas; a contribuição de cientistas e auxiliares na sua formação; os conflitos entre os cientistas do IOC.

2ª Entrevista:

trabalho do fotógrafo J. Pinto no IOC; comentários sobre os arredores de Manguinhos; a produção de vacinas no Instituto; o significado social do trabalho de Manguinhos; histórias pitorescas sobre os cientistas; a relação dos antigos funcionários com Manguinhos.

Mário Ulysses Vianna Dias:

Fisiologista, começou a estagiar na Divisão de Fisiologia do IOC em 1933. Foi contratado como pesquisador assistente em 1938, sendo que somente em 1945 passou a integrar o quadro permanente após ser aprovado em concurso.

1ª Entrevista:

Os primeiros contatos com o IOC e a morte de Oswaldo Cruz; o status social do cientista brasileiro na primeira metade do século.

3ª Entrevista:

A vulnerabilidade política do IOC após a morte de Carlos Chagas; o abandono das pesquisas de ponta após a morte de Oswaldo Cruz e a permanência do IOC nos moldes das instituições científicas do século XIX.

Sebastião José de Oliveira:

Entomólogo, ingressou no IOC em 1939, levado pelo professor Hugo de Souza Lopes.

3ª Entrevista:

O contato com professores e futuros colegas de trabalho no IOC; a opção pela entomologia; o preconceito racial no IOC.

Sylvia Hasselmann:

Sanitarista, foi a primeira mulher a freqüentar o Curso de Aplicação do IOC, em 1931 e 1932, onde foi colega daquele que, anos mais tarde, viria a ser seu companheiro: Walter Oswaldo Cruz (filho de Oswaldo Cruz).

Entrevista única:

A seriedade no relacionamento com os colegas de trabalho; comentários sobre a utilização política do mito Oswaldo Cruz; as relações entre Walter Oswaldo Cruz e o pai (Oswaldo Cruz).

Venâncio Bonfim:

Em 1937 foi contratado como servente do IOC, passando logo em seguida a trabalhar na seção de bacteriologia e imunologia como auxiliar de laboratório.

1ª Entrevista:

A moradia dos funcionários em Manguinhos; a função dos auxiliares nos laboratórios; a localização dos laboratórios.

Wladimir Lobato Paraense:

Em 1939 ingressou como pesquisador assistente no Serviço de Estudo de Grandes Endemias do IOC. Em 1941, foi contratado como biólogo extranumerário do IOC, ficando responsável pelo serviço clínico do Hospital Evandro Chagas.

3ª Entrevista:

Comentários sobre a expedição de Oswaldo Cruz, Costa Lima e Jaime Aben Athar no Pará no início do século.

7ª Entrevista:

Os cientistas de Manguinhos na época de Oswaldo Cruz; a produção de soros e vacinas no IOC; o papel desempenhado por Oswaldo Cruz no desenvolvimento de Manguinhos; Oswaldo Cruz e o combate à peste bubônica em 1889; a fabricação do soro contra a peste bubônica em Manguinhos; o

reconhecimento internacional do IOC durante a gestão Oswaldo Cruz; o desenvolvimento da pesquisa aplicada no IOC no início do século.

8ª Entrevista:

A produção de vacina antivariólica e do soro antipestoso no Instituto durante a gestão Oswaldo Cruz; os conflitos entre os cientistas de Manguinhos no início do século.

5 – O ÁUDIO-GUIA PARA O CASTELO MOURISCO

Tendo em vista criar uma atmosfera propícia à imaginação do visitante, o áudio-guia não é descritivo dos acontecimentos ou explicativo do ambiente. Os depoimentos dos personagens históricos falam por si e permitem ao visitante liberdade de desejar aprofundar seus conhecimentos a respeito do local. O objetivo dessa visita é a sensibilização por meio de uma estratégia que busca instigar no público o desejo de conhecer com maior profundidade a história da saúde no Brasil e a relevância do Patrimônio edificado que é o Castelo. Por isso, utilizaremos sons para inspirar a imaginação acerca da paisagem e dos personagens que participaram da construção da instituição no transcorrer do tempo.

Procuramos formular uma seqüência para a visita pautada na lógica de que a instituição não surgiu sem motivo, do nada, e da mesma forma surgiram as demandas pela melhoria do local de trabalho que foi crescendo em importância com o passar do tempo, o que leva o castelo a ser construído. Sons e a fala de um narrador conduzem a história, que tem como principal recheio os depoimentos dos personagens históricos sobre os assuntos introduzidos no áudio. Ao contrário do que ocorre com o áudio em alguns museus de arte ou em Alcatraz – que, como mencionado anteriormente, foi um elemento motivador do roteiro que aqui propomos – não há um roteiro fixo para a visitação. Isto porque preferimos dar a liberdade ao visitante de percorrer o espaço conforme deseje: poder estar em alguma das varandas, enquanto observa os detalhes da arte moura, enquanto descansa próximo à escadaria, entre outras possibilidades.

No entanto, consideramos importante que exista uma orientação de circulação pelas dependências do Castelo. Para isso, será produzido um folder complementar a ser distribuído aos visitantes, contendo um mapa das áreas de visitação e uma sugestão de seqüência a seguir. O folder também incluirá uma sucinta introdução ao roteiro, um brevíssimo resumo biográfico de cada depoente e os créditos finais. Para o mesmo fim será importante um espaço na página do Museu da Vida na *Web*, meio por onde também será disponibilizado o áudio em formato *mp3*. Expomos no anexo 1 (p. 55 - 64) deste trabalho as resenhas biográficas das pessoas que participam do roteiro que servirão de base para a formulação deste complemento.

A seguir, inserimos o roteiro do áudio-guia que, como mencionado na Metodologia, foi dividido em quatro partes:

1- Origens do instituto e construção do Castelo Mourisco

Som: *EXTRA! EXTRA! A PESTE CHEGA AO BRASIL...*

Narrador:

Era o ano de 1899. A Peste Bubônica chegou ao Porto de Santos. Preocupadas com a possibilidade de uma epidemia atingir a cidade do Rio de Janeiro, que na época era a capital do Brasil, as autoridades decidiram criar um instituto para a produção de soros e vacinas para o combate a peste. Uma comissão procurou um local tranqüilo e afastado de olhares curiosos para a construção do Instituto soroterápico. Entre vários lugares visitados a fazenda de Manguinhos parecia perfeita! Na primeira turma de cientistas que foram trabalhar na produção do instituto estava o jovem Ezequiel Dias, que relatou anos depois como foi esta experiência.

Ezequiel Dias:

[...] era inegável que o local reunia um conjunto de requisitos adequados ao objetivo: era mais que suficiente para os vindouros edifícios, largueza e alimentação para os animais, e não muito difíceis comunicações com o centro da cidade, de onde distava cerca de 50 minutos por terra, e um pouco menos por mar. É verdade que as caminhadas eram então muito mais penosas do que hoje, mas a tudo presidia tal amor ao bucólico retiro de trabalho, que ninguém dava por essas cancelas e muitas outras desconfortos daqueles bons tempos.” (DIAS 1918: p. 9) ¹¹

Narrador:

As vacinas e soros eram produzidos em pequenas casas que já existiam na fazenda, mas aos poucos, o instituto ganhou novas instalações. O Dr. Henrique Aragão foi trabalhar no instituto ainda nesse tempo e conviveu com o Dr. Oswaldo Cruz quando ele já pensava na construção do Castelo Mourisco.

Henrique Aragão:

“A primeira idéia que ocorrera a Oswaldo, ao arquitetar o levantamento de um grande edifício para manguinhos, foi a de fazê-lo em estilo bizantino, chegando mesmo a esboçá-lo, porém, depois de tratar do assunto com (o arquiteto) Luiz de Moraes, suas preferências encaminharam-se para o estilo mourisco, mais rico, mais grandioso e mais fortemente evocador de mistérios como convinha à sede de uma instituição destinada a simbolizar a grandeza da ciência e a perscrutar os segredos da vida.” (ARAGÃO 1950: p. 34)

¹¹ Estes parênteses estão presentes ao lado de todas as falas dos atores históricos, simplesmente situam o depoimento nos documentos e não serão reproduzidos no áudio.

Som: obra, martelos, picaretas, roldanas...

Musica de fundo

Narrador:

Dr. Aragão sabe muito bem como foi o ritmo dessas obras.

Henrique Aragão:

“Tendo-se concluído as plantas dos diferentes edifícios, Oswaldo determinou que as obras fossem todas a uma vez iniciadas e, de um momento para outro, aquele Manguinhos tão tranqüilo, transformou-se numa rumorejante colméia com os seus trezentos e tantos trabalhadores, numeroso maquinário e um chegar constante de material pesado que obrigou a construção de nova ponte, à beira mar, bastante sólida para suportar toda carga que tinha de ser desembarcada e conduzida para o alto da colina.” (ARAGÃO 1950: p. 18)

Retorno de sons de obra, falas e instrumental de fundo.

Henrique Aragão:

“Algumas das edificações, iniciadas em 1904, já estavam terminadas e em serviço entre elas o pavilhão para peste, a nova cocheira e os biotérios que eram amplos, apropriados aos fins destinados e dotados de todos os aperfeiçoamentos técnicos, além da solidez a toda prova, fácil de obter-se num tempo em que a barrica de cimento inglês, de 150 quilos, custava sete cruzeiros e os melhores tijolos prensados chegavam de Marselha por quarenta cruzeiros o milheiro e, assim, os preços de todos os outros materiais iam pela mesma bitola.” (ARAGÃO 1950: p. 32)

Som: *muitas vozes, mistura de várias línguas sendo faladas...*

Narrador:

O governo incentivava a vinda de imigrantes para trabalhar nas lavouras, fábricas e na construção civil, pois carecia de pessoal para impulsionar os diversos setores da economia. Aproveitando-se deste momento, foram trazidas para a construção do Castelo imigrantes que chegaram de diferentes países. O pai do Sr. Hamlet Willian Aor foi um desses trabalhadores, ele foi mestre de obras na construção do Castelo. A respeito disso o Sr. Hamlet tem algumas lembranças.

Hamlet William Aor:

“Um dia eu soube que o Doutor Oswaldo chegou perto do meu pai e disse assim: ‘ Ô Basílio, quase não tem brasileiro aqui. Eu vejo que a maioria é estrangeira: portugueses, espanhóis, italianos’. E ele disse: ‘Olha Doutor Oswaldo, tem sim, mas nos trabalhos mais simples porque eles não sabem fazer outra coisa. [...] Agora, se o senhor encontrar qualquer brasileiro de qualquer cor, que seja um profissional, o senhor traz que eu to precisando pra tocar a obra’”. (CD 1, 15’35”)

Narrador:

As novas instalações possibilitaram o avanço da prática de pesquisas no Instituto. Por isso, o momento da conclusão das obras era aguardado com expectativa. “No conjunto arquitetônico de Manguinhos, o Castelo sobressai como criação arquitetônica maior. Desde os primeiros esboços de Oswaldo Cruz, suas linhas já revelavam uma grande densidade simbólica, tão forte que ainda hoje sintetiza a imagem de toda a

instituição¹². ***Como terá visto esta construção recém acabada o Dr. Aragão?***

Henrique Aragão:

“Ao tempo em que foi concluída essa formidável construção dava ela a impressão de um palácio das Mil e uma Noites surgido, como por encanto, naquela charneca desolada que era Manguinhos. Na sua beleza e grandiosidade fazia, esse edifício, profundo contraste com quase tudo o que, em matéria de edificações monumentais, existia então no Rio de Janeiro.”(ARAGÃO 1950: p. 34)

Sons retornam e permanecem por um curto período

Início de outro som após breve silêncio: *gerador elétrico*.

Narrador:

Poucos lugares no Rio de Janeiro possuíam eletricidade, mas em 1909 a novidade já havia chegado ao Castelo de Manguinhos. Um gerador movido a gás fornecia energia necessária para que os laboratórios começassem a ocupar as dependências do prédio, mesmo sem estar concluído. O Sr. Hamlet, que era filho do mestre de obras da construção, sabe algo a respeito disso.

Som: *motor de elevador/ motor elétrico, musica de fundo (choro).*

¹² BENCHIMOL, 1990, pp. 119-120.

Hamlet William Aor:

“No decorrer da construção – porque o Doutor Oswaldo fazia isso – na medida em que iam ficando prontos os andares de baixo, a obra já estava em cima, e as dependências prontas já iam sendo ocupadas. Montavam logo os laboratórios. Pra não perder tempo”. (CD 1, 15'45”)

Narrador:

Dr. Aragão, também nos diz como viu.

Henrique Aragão:

“Quanto ao Castelo, em vista do tamanho avantajado e pelo acabamento esmeradíssimo foi mais lenta sua construção”. (ARAGÃO 1950: p. 32)

Henrique Aragão:

“Logo que o edifício e a maioria das suas dependências ficaram prontas transferimo-nos para ali e continuamos as investigações ficando ele inaugurado, conforme o hábito da instituição, pelo início das atividades nos laboratórios novos sem a menor solenidade e discursos alusivos ao ato.” (ARAGÃO 1950: p. 36)

Som: instrumental (flauta)

Narrador:

E assim, sem solenidades, as dependências do Castelo de Manguinhos foram aos poucos sendo ocupadas pelos trabalhadores. Desde então, os trabalhos realizados no castelo nunca mais pararam.

2- Cotidiano no instituto de Manguinhos

Narrador:

Na cidade, o transporte urbano era precário e o bonde puxado por burros despontava como um dos principais meios de locomoção. Já imaginou como poderia ser difícil chegar ao Instituto em Manguinhos? Pois eles encontraram uma solução... Como pode dizer o filho do Dr. Carlos Chagas, o Dr. Carlos Chagas Filho.

Som: *mar, aves marinhas, barco antigo a motor.*

Carlos Chagas Filho:

“(Iam para Manguinhos em) uma lancha de boas dimensões que partia do Cais de Pharoux às sete da manhã, pontualmente, para só chegar de volta ao ponto de partida às 18 horas. O trajeto levava uns trinta minutos e meu pai me disse que se impressionava sempre com a abundancia de escorias que batiam no casco da lancha, ameaçando, muitas vezes, afundá-la. O porto de amarra da lancha situava-se no canal entre a ilha de Sapucaia e a terra firme, num pontilhão situado em terreno hoje aterrado, a pequena distancia do edifício que abriga um certo número de departamentos da Fundação Oswaldo Cruz (atualmente). Um serviço de carruagens levava os viajantes para o pequeno pavilhão onde se instalara o Instituto. À hora de partida, fosse do cais de Pharoux, fosse de Manguinhos, era fixada com a precisão marinha de que tanto se orgulham os ingleses. Conta-se mesmo que Oswaldo Cruz era o primeiro a entrar na lancha no Cais do Pharoux e punha-se propositalmente de costas para o cais, para ordenar ao piloto deslanchar às sete horas em ponto, quaisquer que fossem os retardatários.” (CHAGAS FILHO 1993: p. 74)

Narrador:

O técnico de laboratório Francisco Gomes lembra bem como era para chegar em Manguinhos.

Francisco Gomes

“... tinham chácaras, terrenos baldios, terra devoluta e não tinha nada – só tinha a estaçõzinha e não tinha mais nada... nada, nada, nada; o resto era mangue, mangue puro, com cada caranguejo que não tinha tamanho. Mangue! Tudo aquilo ali embaixo era mangue; o mangue vinha até... entrava um pouquinho acima daquela portaria que tem cá embaixo – ainda era mangue, até ali ainda era mangue. Então era o único caminho e o pessoal vinha por via da estrada de ferro, a Leopoldina, e tinha um ônibus comprido, que chamávamos de Viúva – a Viúva ia buscar os pesquisadores lá embaixo pra vir pra cá pra cima, que automóvel também não tinha, né? Só o do diretor”. (CD 1, faixa 1, 22’ 08”)

Narrador:

O Sr. José Cunha foi técnico de laboratório no instituto de manguinhos durante muitos anos e lembra bem como era a região quando começou a trabalhar no lugar.

José Cunha:

“Aqui não era tão plantado, não tinha tantas árvores, as estradas eram de terra, os caminhos eram atalhos” (CD 3 , faixa1, 10’ 32”)

Som: *mar, aves marinhas.*

Breve silêncio

Narrador:

***Mas será que esta construção foi feita somente para os laboratórios?
Alguém morava no castelo?***

Som: aves silvestres, mata.

Attilio Borrielo:

“Manguinhos era tão gostoso que quem entrava nunca mais saia.” (CD 1, faixa 2, 1'00”)

Narrador:

Pois é, para o Senhor Attilio, Manguinhos era uma maravilha, mas o Castelo não foi feito para servir como residência oficial.

instrumental

Narrador:

Mas apesar de não servir como moradia oficial, o Castelo contou com dormitórios, para que os cientistas pudessem ter onde ficar quando fosse necessário. Disso o Sr. Atílio também se lembra e parece que esses tempos deixaram saudades.

Attilio Borrielo:

“Era nossa casa. Aqui comíamos, aqui dormíamos, isso aqui era uma maravilha. Compreende? Então a gente tinha um amor por isso” (CD 1, faixa 1, 15'45”)

Narrador:

Dr. Aragão também passou algumas noites em Manguinhos

Henrique Aragão:

“Como não havia jantar no Instituto, trazíamos nossos farnéis para o repasto vespéral de vez que trabalhávamos até tarde da noite. Reparando nesta circunstancia, o Mestre tomou providência, reservadamente, e um belo dia fomos surpreendidos com a notícia de que haveria jantar, dali em diante, assim como acomodações para aqueles que desejassem pernoitar no Instituto, presos às experiências que não deviam ser interrompidas”. (ARAGÃO 1950: p. 17)

Narrador:

Com o passar do tempo muita coisa mudou, na paisagem não vemos mais o mangue, o barco, a fazenda. Hoje o campus de Manguinhos possui diversos prédios voltados aos trabalhos institucionais e está integrado à malha urbana do Rio de Janeiro. Mas outras coisas ainda permanecem, como este Castelo de tantas histórias.

3- Convivência entre trabalhadores de diversos setores

Narrador:

Alguns dos grandes nomes da ciência brasileira passaram pelo instituto de Manguinhos, mas será que os cientistas estavam sós na realização de suas pesquisas? Dr. Aragão fala a respeito dos auxiliares de laboratório

Henrique Aragão:

“Além de todas as facilidades que tínhamos para trabalhar em Manguinhos, uma nos era particularmente apreciada. É que cada um de nós dispunha do seu próprio auxiliar de laboratório o que significava termos ao nosso lado, a todos os momentos e quaisquer que fossem as circunstâncias, um servidor leal, diligente e sempre muito dedicado ao seu chefe.” (ARAGÃO 1950: p. 16)

Narrador:

Muitos desses auxiliares ingressaram no Instituto como serventes de laboratório, mas aos poucos foram se interessando pelas pesquisas e ocupando novas funções em seus laboratórios. O Sr. Atílio Borrielo era um auxiliar de laboratório no instituto de Manguinhos.

Atilio Borrielo:

“a capacidade da maioria dos auxiliares do Instituto Oswaldo Cruz era muito grande. [...] os médicos confiavam na gente como se nós fossemos colegas. Então nós tínhamos trabalhos de muita responsabilidade. Esta responsabilidade, esta confiança, era fator de sucesso nas pesquisas, porque eram auxiliares que não mentiam, não criavam, não imaginavam. Cumpriam a obrigação, e eu fui um desses, tanto que cheguei ao ponto de trabalhar com o diretor do Instituto Oswaldo Cruz.” (CD 1, faixa 1, 17'32”)

Narrador:

Alguém imagina a realização de pesquisas sem uma biblioteca? Como a instituição poderia obter apoio sem publicar trabalhos? Essas atividades são de grande importância e para isso havia trabalhadores como o bibliotecário Overmeer, o fotografo J. Pinto, ou o desenhista Castro e Silva, contratados pelo Instituto. Dr. Chagas Filho conviveu com estas pessoas.

Carlos Chagas Filho:

“(Quando diretor de Manguinhos) Chagas bem compreendia a importância dos serviços técnico-auxiliares em uma instituição científica. Várias vezes falou-me sobre a visão de Oswaldo Cruz, que, desde o princípio, estabeleceu biblioteca, oficinas e uma gráfica na instituição que criara. O interesse de Chagas por esses serviços chamados auxiliares, mas cuja importância deve ser ressaltada, fazia com que ele os visitasse em todas as oportunidades e desse a melhor da sua atenção aos que neles trabalhavam. Assim é que semanalmente chamava-os ao seu gabinete ou descia para o andar térreo, onde alguns dos serviços auxiliares se localizavam.” (CHAGAS FILHO 1993: p.139)

Carlos Chagas Filho:

“A biblioteca tinha um lugar especial (nas prioridades da instituição) e nunca faltou apoio a Overmeer - o bibliotecário - destemido defensor das rigorosas regras de proteção aos livros estabelecidas com beneplácito de Oswaldo Cruz e que não eram do agrado do “jeitinho brasileiro”. (CHAGAS FILHO 1993: p.139)

Carlos Chagas Filho:

“Eu fui um rato da biblioteca de Manguinhos. Utilizei a biblioteca como pouca gente terá utilizado, porque a biblioteca era realmente uma coisa maravilhosa...” (CD 9, Faixa 1, 17’30”)

Carlos Chagas Filho:

“J. Pinto era uma figura estupenda. Muito agradável. Não era do tipo desses fotógrafos mundanos não, ele era um sujeito... ele era um artista verdadeiro, no sentido da palavra. Quer dizer, ele procurava fazer o melhor. Na ocasião, evidentemente, ele não tinha talvez os recursos que hoje existem, nem tinha a preparação necessária. Mas ele não fazia a coisa como um fotógrafo comercial, ele fazia a coisa... ele estava dentro...” (CD 9, Faixa 1, 19’07”)

Narrador:

O Entomólogo Hugo de Souza Lopes também tem recordações do desenhista Castro e Silva.

Hugo de Souza Lopes:

“O (desenhista) Castro e Silva é uma história à parte. [...] todo mundo tinha uma camaradagem com ele, que era uma das pessoas mais simpáticas. E ele era um artista primoroso. Como trabalhava! Estava sempre trabalhando.” (CD 3, 19’00”)

Continua instrumental.

Narrador:

No Instituto aconteciam mais do que fabricação de soros, vacinas e realização de pesquisas. Neste local muitas pessoas dedicaram boa parte de suas vidas. Os trabalhadores e cientistas tinham neste local a sua segunda casa, onde podiam ter os prazeres e dissabores de uma convivência quase familiar. Dr. Hugo sabe de algumas dessas histórias.

Som de frascos de vidro sendo transportados e empilhados

Hugo de Souza Lopes:

“Agora, me impressionou muitíssimo a vida aqui no Instituto: a camaradagem de todo mundo, aquele famoso almoço embaixo da árvore... Então tem muitas coisas que alguém já deve ter contado. Por exemplo, tinha um termômetro naquela primeira tora de madeira que tem na entrada quando se desce a escada. O Dr. Lutz, todos os dias na hora do almoço, vinha e olhava para ver a temperatura. E alguém percebeu isso. Então, pegaram uma pedrinha de gelo,

encostavam na cúpula do termômetro e ficavam esperando até o Lutz aparecer lá em cima da escada. Aí, todos se esconderam depressa. Naquele dia, o Lutz olhou assim, virou-se para o pessoal todo que estava lá, deu um muxoxo e foi sentar. Quer dizer, ele percebeu, não é?” (CD 3, 17’20”)

Narrador:

O Dr. Sebastião se lembra bem da rígida hierarquia do Instituto, que também existia nas relações entre os cientistas e demais trabalhadores de Manguinhos, como os serventes.

Sebastião de Oliveira

“Um dia eu cheguei aqui, peguei o elevador. No meu tempo, o elevador tinha a parte social que era a parte de cima, e a dos serventes, que era a parte de baixo, né. As pessoas não utilizam mais a parte de baixo, pois é, mas antigamente utilizavam. Utilizavam, tranquilamente. Quando o elevador trazia serventes e parava no térreo, os serventes iam pro porão, porque primeiro desciam os doutores e depois é que subia pra deixar os serventes. Eu peguei essa época”. (CD 6, faixa 1, 14’ 08”)

Narrador:

Hoje, no instituto de Manguinhos, a integração de várias categorias profissionais para a boa execução dos trabalhos continua a ser uma realidade.

4- Impressões a respeito de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas¹³

¹³ Esta ultima parte é mais contemplativa. Fala do dia a dia no instituto, das figuras proeminentes do tempo de origem (os diretores Oswaldo Cruz e Carlos Chagas), de fatos curiosos que ocorriam no local naquele tempo. A fala do narrador faz um encerramento.

Narrador:

Oswaldo Cruz é o patrono do instituto de Manguinhos. Ele é considerado por muitos o maior responsável pela importância que a instituição adquiriu. O que será que pensam a seu respeito pessoas que conviveram com ele?

Instrumental de fundo

Carlos Chagas Filho:

“Oswaldo Cruz era um pouco mais baixo que meu pai, mas bem mais encorpado. Eu tinha sete anos quando o conheci pessoalmente, mas guardo desde então uma imagem perfeita do saneador do Brasil. [...]. Os cabelos já eram grisalhos, como o bigode, mas seria difícil descrever a penetração e a intensidade de seu olhar. Também o sorriso era mais do que atraente e se às vezes sua face se tornava séria é que a expressão correspondia ao pensamento que surgia.” (CHAGAS FILHO 1993: p. 73)

Hamlet William Aor:

“Fui vacinado, olha aí, no colo da minha mãe, no colo do meu pai. Foi Doutor Oswaldo quem fez estas vacinas. Eu não me lembro dele, eu devia ter uns cinco anos, seis no máximo, mas eu me lembro daquele homem todo de branco, me arranhou, riscou o braço, arranhou, encostou depois de arranhar – faziam umas cruzetazinhas – e colocavam a vacina no ferimento. Eu me lembro que ele disse assim: ‘Não passe a mão aí. Não lava, não passe a mão que vai criar uma ferida. Não tire a casca não. Deixe ficar, depois seca.’ [...] Disso eu me lembro. Foi lá em baixo, no andar térreo”.(CD 1, 27’40”)

Henrique Aragão:

“Suavemente, mais pedindo do que mandando, ele (Oswaldo) ia conduzindo com segurança e método o ritmo do trabalho e instruindo seus primeiros auxiliares que ele preferia ignorantes em bacteriologia ou outro assunto de pesquisa, mas inteligentes e prestimosos, fossem eles médicos, estudantes ou simples serventes. Exigia o maior rigor de técnica em todos os trabalhos, mesmo os menos complicados. Ele próprio os executava primeiro, desde uma simples lavagem de material, uma esterilização, o preparo de um meio de cultura, um trabalho em vidro, ao maçarico, uma coloração, uma pesada, um exame ao microscópio.” (ARAGÃO 1950: p. 9)

Carlos Chagas Filho:

“Oswaldo Cruz tinha, realmente, as melhores características que um chefe de grupo científico pode ter. Sua imagem se fixou no espírito de meu pai, para sempre, a partir do momento em que começou a trabalhar ao seu lado. Foi na recordação de Oswaldo Cruz que (Carlos) Chagas pautou sua conduta pelo resto da vida. Oswaldo Cruz exercia sobre os jovens que o procuravam um fascínio extraordinário”. (CHAGAS FILHO 1993: pp. 79-80)

Som: trabalhadores em diferentes ambientes, cavalos na cavalaria, carrinhos, pessoas caminhando, frascos de vidro sendo organizados.

Narrador:

Carlos Chagas também deixou sua marca em Manguinhos. Grande cientista, realizou um dos maiores feitos da ciência brasileira ao descobrir todo o ciclo da doença que leva o seu nome. Após a saída de Oswaldo

Cruz, ele se tornou diretor do instituto de Manguinhos, como relatam Attilio Borrielo e Chagas filho.

Attilio Borrielo:

“Como meu chefe, (Carlos Chagas) me distinguiu, me tratava como se eu fosse um filho. Diziam que ele era muito nervoso. Alguém, por aí, que eu não quero citar, dizia ‘o Chagas é... o Chagas é nervoso... Você não vai se dar bem com ele...’. Era um santo, era um santo, não tem outra expressão para ele. Me tratava como se eu fosse um filho... pela seqüência que eu trabalhando com ele, pequenas coisas, eu senti que ele me queria bem, passou a me querer bem. Bem ele queria bem a todo mundo...” (CD 1, faixa 2, 8’17”)

Carlos Chagas Filho:

“Chagas percorria com cuidado as cavalariças, certamente as mais bonitas do Rio, que me lembravam o picadeiro do Palais de Chantilly, e eram zelosamente mantidas pelo Avelar, velho funcionário da casa. O serviço de vidraria era também visitado por meu pai. Um dia soube que os funcionários que preparavam ampolas e recebiam por unidade fabricada estavam sem trabalhar por falta de material. Foi pessoalmente entender-se com o produtor da matéria prima, e pôs a funcionar a referida preparação sem falhas e sem prejuízos para os funcionários. Da mesma forma demonstrava vivo interesse pelos outros departamentos, pois sabia muito bem que sem o suporte desses serviços auxiliares uma instituição de pesquisa não funciona.” (CHAGAS FILHO 1993: p.139)

Narrador:

A paisagem de Manguinhos mudou muito com o passar das décadas. As modernas construções projetadas para o Instituto em sua origem não abrigam mais os antigos laboratórios. O campus de Manguinhos foi sendo

gradativamente ocupado por novas construções para o abrigo de diferentes pesquisas e ações em saúde pública. Hoje, a Fundação Oswaldo Cruz está presente em diversas partes do território Brasileiro, abrigando atividades que incluem o desenvolvimento de pesquisas; a prestação de serviços hospitalares e ambulatoriais de referência em saúde; a fabricação de vacinas, medicamentos, reagentes e kits de diagnóstico; o ensino e a formação de recursos humanos; a informação e a comunicação em saúde, ciência e tecnologia; o controle da qualidade de produtos e serviços; e a implementação de programas sociais¹⁴. Atualmente, o Castelo permanece como grande marco na produção de pesquisas de excelência no Brasil, mantendo-se imponente na paisagem em constante transformação e abrigando a sede da destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde que se tornou a Fiocruz.

Fim do roteiro.

¹⁴ Site da Fiocruz: <http://www.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=3>
Acesso em 24 de novembro de 2009.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos desenvolver uma estratégia de mediação para ser aplicada ao espaço do museu que utiliza a história como meio de divulgação da ciência. O roteiro elaborado pretende fornecer ao visitante uma possibilidade de melhor conhecer e entender a importância da instituição. Temos em vista cativar o visitante pela emoção, isto é, por meio da exploração de recursos que ainda não foram utilizados neste espaço. Elementos que permitam aguçar o imaginário do público propiciando ao mesmo “viajar no tempo” a partir das impressões de quem presenciou relevantes momentos na história da edificação.

Diferentemente do que é possibilitado pela visita guiada, este sistema contempla também uma demanda existente que ainda não pode ser suprida pela equipe do *Passado e Presente*: do visitante que prefere (ou só pode, por diversos os motivos) percorrer o lugar por conta própria, dentro do tempo que tenha disponível ou em função do seu interesse de explorar o espaço e as exposições. Além dessa demanda específica, o roteiro criado visa atrair qualquer visitante, oferecendo ao mesmo a possibilidade de fazer uma investigação diferente do local.

Concluída esta monografia, nossa meta passa a ser a produção do áudio-guia – etapa para a qual já contamos com a valiosa oferta de Sérgio Horovitz, da produtora Proview, que se dispôs a nos auxiliar a transpor o roteiro para o material sonoro. Além disso, faremos uma etapa piloto de aplicação do áudio, para avaliar sua aceitação pelos visitantes e realizar eventuais ajustes necessários. No Castelo também continuaremos buscando avaliar outras

possibilidades para explorar este meio sonoro. Uma possibilidade, por exemplo, é seu uso no atendimento de deficientes visuais, que, em geral, desfrutam de pouca oferta de atividades em museus de ciência e outros espaços culturais. Em síntese, esperamos que as reflexões e o produto resultantes desta monografia possam ser apenas o pontapé inicial para estimular o desenvolvimento de outras estratégias de mediação no Castelo e demais espaços do Museu da Vida. Em particular, ressaltamos que há, ainda poucas iniciativas de divulgação científica na área de ciências sociais e humanas.

O Patrimônio Histórico de valor artístico, cultural e científico, seja em qualquer uma de suas formas possíveis, apresenta-se como demanda da sociedade ao ser buscado pela mesma. Entendemos que cabe ao nosso trabalho criar estratégias que propiciem ao visitante conhecer e entender a representatividade e a relevância da preservação de um bem nacional, por isso esta proposta pretende oferecer um meio para que as pessoas possam chegar a essa compreensão, ou seja, desejamos auxiliar na consciência pela valorização do patrimônio contribuindo para essa construção pela via de “dentro para fora”. Sendo assim, estamos apostando na relação afetiva dos visitantes com a história, como contribuição para a apreensão, valorização e preservação do bem patrimonial pela sociedade.

FONTES

1- Livros de caráter memorialístico:

ARAGÃO, Henrique. *Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos)* Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

CHAGAS FILHO, Carlos. *Meu pai*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 1993.

DIAS, Ezequiel. *O Instituto Oswaldo Cruz - resumo histórico 1899-1918*, Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.

2- Depoimentos sonoros de entrevistas concedidas ao Projeto de História Oral Memórias de Manguinhos – DAD/COC/Fiocruz – utilizadas no roteiro para o áudio-guia:

ATTÍLIO BORRIELLO: CD 1

CARLOS CHAGAS FILHO: CD 9

FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES GOMES: CD 1

HAMLET WILLIAN AOR: CD 1

HUGO DE SOUZA LOPES: CD 3

JOSÉ CUNHA: CD 3

SEBASTIÃO JOSÉ DE OLIVEIRA: CD 6

BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Mário B. *Henrique de Beurepaire Rohan Aragão* in: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: v. 3, pp. 375-379, jul /set, 1986.

BENCHIMOL, Jaime (coord.). *Manguinhos do sonho à vida – A ciência na Belle Époque*. Casa da Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: COC, 1990.

_____ *Febre Amarela e a Instituição da Microbiologia no Brasil* in: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre doença na América Latina*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

GAMA-ROSA, Renato. *A meca da ciência* in: Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Outubro de 2007.

GONTIJO, Rebeca. *Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como “patrimônio sociocultural”* in: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

HEIZER, Alda. *Museus de Ciência e tecnologia: Lugares de cultura?* In: Revista da SBHC, volume 4, número 1, janeiro / junho de 2006.

JABOR, Bia. *Redes e Rizomas* in: *Programa educativo - Museu das Telecomunicações: Redes e Rizomas*. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2009.

LOPES, Maria Margaret. *Porque História nos Museus e Centros de Ciência?* In: MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana; VALENTE, Maria Esther. *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Orientadores: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro e Ildeu de Castro Moreira. Rio de Janeiro. UFRJ/ECO/IBICT, 1998. Diss.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima. *Ciência e Público; caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

MEMÓRIA DE MANGUINHOS, <http://www.coc.fiocruz.br/manguinhos/index.htm> , Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz.

SCHALL, Virgínia T. *Pedagogia e Didática/ Pesquisa e avaliação em centros e museus de ciência* in: *Anais Seminário Internacional de Implantação de Centros e Museus de Ciência*. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Educação em Ciência, 2002.

VOGT, Carlos; POLINO, Carmelo. *Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai*. Campinas, SP: Editora Unicamp; São Paulo, SP: Fapesp, 2003.

ANEXO 1

RESENHA BIOGRÁFICA DOS DEPOENTES DO ACERVO MEMÓRIA DE MANGUINHOS PRESENTES NO ÁUDIO-GUIA¹⁵

ATTÍLIO BORRIELLO

Nasceu a 20 de agosto de 1905, em São Luiz de Paraitinga, São Paulo, na casa da família Oswaldo Cruz. Aos 15 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, sendo contratado em maio de 1920 pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), onde iniciou seu trabalho como tipógrafo. Mais tarde, passou a trabalhar como auxiliar no laboratório de protozoologia, sob a chefia dos cientistas Henrique Aragão, Aristides Marques da Cunha e Júlio Muniz.

Paralelamente à atividade profissional, realizou estudos complementares no Colégio Pedro II e no Liceu Literário Português. Em 1931, trabalhou com Carlos Chagas, na época diretor do IOC. Com a morte do cientista em 1934, Attílio Boriello retornou ao laboratório de protozoologia, onde ficou até sua aposentadoria, em 1958.

CARLOS CHAGAS FILHO

Nasceu a 12 de setembro de 1910 no Rio de Janeiro. Em 1926, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, paralelamente, no Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), onde teve acesso aos laboratórios de José Costa Cruz, Miguel Osório de Almeida e Carneiro Felipe. Ao terminar o curso de medicina, em 1931, foi efetivado como assistente da cadeira de anatomia patológica da mesma faculdade.

Em 1935, foi aprovado em concurso para livre-docência da cadeira de física biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e efetivou-se como

¹⁵ Fonte: <http://www.coc.fiocruz.br/manguinhos/index.htm>

Acesso em 05 de janeiro de 2010

pesquisador no IOC. Em 1937, passou a dedicar-se à organização do laboratório de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nessa mesma época, por imposição da Lei de Desacumulação de Cargos, optou por permanecer na universidade, deixando o IOC.

Com a morte do irmão Evandro Chagas, em 1941, retornou ao IOC para supervisionar o Serviço de Estudos de Grandes Endemias (SEGE), criado e dirigido até então por seu irmão. Em 1945, fundou o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil e, em 1946, obteve o grau de doutor em ciências pela Universidade de Paris.

De 1951 a 1954, foi diretor da Divisão de Pesquisas Biológicas do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e integrou o Conselho Deliberativo deste órgão de 1953 a 1956. Foi vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências de 1952 a 1954, ocupando o cargo de presidente entre 1964 a 1966. Atuou também como membro do Conselho Administrativo da Fundação Gaffrée e Guinle de 1958 a 1964.

Em 1966, Carlos Chagas Filho foi nomeado delegado permanente do Brasil na UNESCO. Trabalhou na Secretaria-Geral da Conferência das Nações Unidas para a Aplicação da Ciência e da Tecnologia ao Desenvolvimento entre 1962 e 1963. Representou o Brasil na III Conferência de Átomos para a Paz, em 1965, além de participar de outras atividades promovidas pela UNESCO. Foi também vice-presidente da Conferência Intergovernamental para a Utilização Racional dos Recursos da Biosfera, em 1968. Exerceu o cargo de presidente do Comitê Científico sobre os Efeitos das Radiações Ionizantes de 1956 a 1957.

Em 1970, retornou à direção do Instituto de Biofísica da UFRJ, e de 1973 a 1977, foi decano do Centro de Ciências Médicas, Pesquisa e Pós-Graduação dessa Universidade. Em 1982, foi eleito presidente da Academia de Ciências da América Latina, fundada nesse ano.

Carlos Chagas Filho foi presidente da Academia Pontifícia de Ciências do Vaticano e da Sociedade Brasileira de Biofísica, além de pesquisador do CNPq.

Pertenceu às Academias de Ciências de Paris e Lisboa, a American Academy of Arts and Sciences, às Academias de Medicina da França e Bélgica e a várias sociedades científicas européias. Publicou mais de 100 artigos científicos em revistas nacionais e estrangeiras, além de várias obras. Carlos Chagas Filho morreu no dia 16 de fevereiro de 2000, aos 89 anos de idade.

FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES GOMES

Francisco José Rodrigues Gomes, conhecido por muitos como Chico Trombone, nasceu a 17 de março de 1911, no Rio de Janeiro. Em 1918, seu tio, técnico de laboratório do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), levou-o a Lassance, Minas Gerais, região endêmica onde Carlos Chagas descobriu o *Trypanosoma cruzi*, parasito causador da enfermidade batizada com seu nome: doença de Chagas. Nesta ocasião, Francisco Gomes capturou um gambá que ameaçava a tranqüilidade dos cientistas. Carlos Chagas, ao examinar o sangue colhido da orelha do animal constatou a presença do *Trypanosoma cruzi*, que até então supunha-se ter o tatu como único hospedeiro.

Após essa experiência, alguns anos se passaram e, em 1925, com 14 anos, Francisco Gomes ingressou no IOC, onde iniciou suas atividades como técnico de laboratório. Trabalhou em várias seções e oficinas, como as de entomologia, fisiologia, carpintaria e vidraria.

Em 1932, foi para Belo Horizonte, onde durante um ano estudou e trabalhou ao lado de Otávio Magalhães, desenvolvendo pesquisa com cobras para a produção de soro antiofídico no Instituto Ezequiel Dias.

Voltou para o Rio de Janeiro após a morte de Carlos Chagas, em 1934, e permaneceu no IOC até 1970, quando requereu sua aposentadoria. Depois de aposentado continuou no IOC, trabalhando sem remuneração com Gilberto Villela, na Divisão de Química.

Trabalhou como auxiliar de ensino da Faculdade de Medicina de Teresópolis e da Universidade Federal Fluminense (UFF) e, em 1986, como auxiliar de pesquisa no Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ao lado do cientista Haity Moussatché. Francisco Gomes morreu em 27 de maio de 1991.

HAMLET WILLIAN AOR

Hamlet William Aor nasceu a 22 de setembro de 1910, no Rio de Janeiro. Foi o terceiro dos sete filhos do imigrante austríaco Basílio Aor, que trabalhou como mestre-de-obras do arquiteto Luiz de Moraes, autor do projeto arquitetônico do complexo de Manguinhos, tombado pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1981.

Com a morte do pai, em 1919, Hamlet foi obrigado a trabalhar e ingressou na tipografia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) aos dez anos. Durante esse primeiro período em Manguinhos, trabalhou também na seção de embalagem de soros e vacinas, mas, devido a sucessivos desentendimentos com a chefia, abandonou o IOC, em 1924. Nessa ocasião, foi trabalhar numa empresa de fabricação de ampolas que pertencia ao zelador do Instituto, Manuel Gomes. Lá começou o aprendizado da profissão de vidreiro.

Retornando ao IOC em 1926, foi incorporado à seção de fabricação de ampolas, onde permaneceu até a sua saída definitiva de Manguinhos, em 1936. Depois disso, começou a freqüentar o curso de fabricação de vidro, ministrado por um professor alemão, na Faculdade de Farmácia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir daí, profissionalizou-se como vidreiro e, nessa condição, refez contato com o IOC, em 1966, quando, a convite de Walter Oswaldo Cruz, passou a prestar serviços ao laboratório de hematologia.

Com a morte de Walter Oswaldo Cruz, em 1967, Hamlet afastou-se de Manguinhos e não mais voltou. Morreu em 1986, poucos meses após a realização da entrevista para o Programa de História Oral da Casa de Oswaldo Cruz.

HUGO DE SOUZA LOPES

Hugo de Souza Lopes nasceu a 5 de janeiro de 1909, no Rio de Janeiro. Formou-se em veterinária pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em 1933.

Ingressou em Manguinhos em 1931, como estagiário voluntário, sem remuneração, sendo contratado apenas em 1949. Em 1934, foi aprovado em concurso para professor catedrático da Escola Nacional de Veterinária, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Dedicou toda sua vida acadêmica ao estudo de uma única família de insetos: as moscas sarcophagídeas, cujas larvas parasitam animais. Descreveu inúmeros gêneros e espécies novas, publicando mais de 200 trabalhos. Hugo de Souza Lopes tornou-se o maior especialista mundial no tema.

Em 1964, foi perseguido e aposentado na UFRRJ. Na mesma ocasião, perdeu a chefia da seção de entomologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Porém, isso não foi obstáculo para que continuasse o seu trabalho como professor conferencista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, cargo que ocupou até 1970, quando foi cassado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5), juntamente com outros nove pesquisadores do IOC. Conseguiu refugiar-se no Museu Nacional, onde continuou os estudos sobre moscas sarcophagídeas, dedicando-se também à botânica, área em que desenvolveu estudos sobre plantas do gênero *Coleus* (folhagens de jardim das mais variadas cores), que colecionou em Petrópolis (RJ).

Posteriormente, Hugo de Souza Lopes ingressou na Universidade Santa Úrsula, onde foi decano do Centro de Ciências Biológicas e professor titular. Desde 1980 passou também a ocupar o cargo de pesquisador do CNPq.

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). De volta à instituição, foi para o Departamento de Biologia, onde prosseguiu seus estudos sobre moscas sarcophagídeas.

Hugo de Souza Lopes morreu, em 10 de maio de 1991, de pneumonia dupla.

JOSÉ CUNHA

José Cunha nasceu a 22 de outubro de 1911, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Com a morte do pai, em 1921, foi obrigado a trabalhar para contribuir com o sustento da família. Foi encadernador de livros até ser escolhido por Genésio Pacheco, entre os melhores alunos do curso de admissão, para trabalhar em Manguinhos.

Contratado em novembro de 1924, aos 13 anos, pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), aprendeu o ofício de técnico de laboratório com a prática diária ao lado de Genésio Pacheco, que desenvolvia pesquisas de alto risco sobre febre tifóide. Em 1926, foi transferido para o laboratório de protozoologia de Júlio Muniz, onde permaneceu até a morte do pesquisador. Trabalhava à noite no laboratório de análises clínicas particular de Júlio Muniz, para complementar o baixo salário de técnico do IOC.

Em 1938, viajou para Belém do Pará com Evandro Chagas, que estava criando o Instituto de Patologia Experimental do Norte (IPEN), e lá permaneceu durante um ano, desenvolvendo atividades de laboratório. Retornando ao IOC, passou a trabalhar no laboratório de Felipe _éri Guimarães. Aposentou-se em 1980, após 56 anos de trabalho na instituição que lhe valeram uma medalha de ouro pelos serviços prestados.

A convite de Olympio da Fonseca, foi trabalhar na Faculdade de Medicina de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, onde ensinou prática de laboratório até afastar-se em 1993.

SEBASTIÃO JOSÉ DE OLIVEIRA

Sebastião José de Oliveira nasceu a 3 de novembro de 1918, no Rio de Janeiro. Formou-se, em 1941, pela Escola Nacional de Veterinária, atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Ingressou no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), em 1939, levado pelo professor Hugo de Souza Lopes. Contratado apenas na década de 50, foi bolsista, professor e subchefe da seção de entomologia do IOC.

Como entomólogo, dedicou-se principalmente ao estudo dos dípteros e estrepsípteros, descrevendo um novo gênero e 30 novas espécies. Desenvolveu ainda estudos sobre inseticidas e controle de pragas, publicado com o cientista Herman Lent o primeiro trabalho sobre combate ao barbeiro com DDT.

Professor de cursos de especialização do Ministério da Agricultura e entomólogo do Serviço Nacional de Malária e do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), editou com Herman Lent e Tito Cavalcanti a Revista Brasileira de Biologia, cuja sede funcionava em Manguinhos. Em 1970, a publicação foi entregue à Academia Brasileira de Ciências para que continuasse a circular.

Responsável pelo controle de borrachudos e mosquitos na área da Usina Nuclear de Angra dos Reis (RJ), Sebastião Oliveira é sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Zoologia e membro da Royal Entomological Society, de Londres, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), das Sociedades Brasileiras de Entomologia, de Medicina Veterinária e de Parasitologia, e da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

Em 1970, teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5). A partir daí, passou a prestar serviços à iniciativa privada, trabalhando em controle de pragas. Foi responsável pelo plano de controle de insetos em Guarulhos (SP), Resende (RJ) e Belo Horizonte (MG), além de fazer o levantamento de espécies de borrachudos, moscas e mosquitos na área da Usina de Itaipu.

Em 1978, voltou a lecionar no curso de pós-graduação em zoologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Santa Úrsula, onde é professor conferencista. No ano seguinte, foi designado para o grupo de trabalho que elaborou o manual Praguicidas em Saúde Pública, utilizado em campanhas do Ministério da Saúde.

Primeiro pesquisador negro do IOC, Sebastião de Oliveira sempre esteve engajado na luta pela preservação da cultura negra e contra o preconceito racial. Desde 1984, é conselheiro da Fundação Afro-Brasileira de Arte, Educação e

Cultura, que a partir de 1987 passou a se chamar Fundação Abdias do Nascimento.

Em 1986, reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foi nomeado curador da coleção entomológica da instituição cargo que ocupa até hoje. Entre 1992 e 1993, foi subsecretário adjunto de ciência e tecnologia da Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro. Em 1998, aos 80 anos, obteve o grau de doutor em Ciências no Curso de Pós-Graduação em Biologia Parasitária do IOC.

RESENHA BIOGRÁFICA DOS AUTORES DE LIVROS DE MEMÓRIAS CUJOS DEPOIMENTOS ORAIS NÃO CONSTAM NOS ACERVOS DO ARQUIVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ

EZEQUIEL DIAS¹⁶

Nascido em 11 de maio de 1880, na cidade de Macaé (Rio de Janeiro). Aos 16 anos, foi para a capital carioca fazer o curso de Farmácia, como era vontade de seu pai. Sua vontade, entretanto, era seguir a carreira médica. Por isso, após concluir os estudos, decidiu levar o sonho adiante. Ainda como acadêmico de Medicina, começou a trabalhar no Instituto Manguinhos, onde conheceu Oswaldo Cruz.

Em 1902, já formado, Ezequiel Dias continuou suas pesquisas no Instituto Soroterápico de Manguinhos, aprofundando os seus estudos nas técnicas microbiológicas. Daí a pouco tempo, ele colaborava no preparo de produtos do Instituto e começava os primeiros trabalhos para sua tese de doutorado, que abordava uma análise do sangue normal no Brasil. Três anos mais tarde, seguia para o Maranhão, como diretor de higiene do Laboratório Bacteriológico. No

¹⁶ Fonte: Revista MINAS FAZ CIÊNCIA; FAPEMIG; n° 30 (junho a agosto de 2007)

<http://divulgarciencia.com/categoria/biografia/>

Acesso em 06 de Janeiro de 2010

local, ajudou a instalar completo laboratório de pesquisas e orientou, pelos ensinamentos experimentais, os serviços de higiene pública na região.

Nessa época, o pesquisador começou a apresentar os primeiros sintomas da doença que lhe tiraria a vida, a tuberculose. Assim, veio em boa hora o convite para dirigir uma filial do Instituto Manguinhos na capital de Minas Gerais, cidade que, pelo clima ameno, era considerada ideal para a recuperação de tuberculosos. No Estado, trabalhou com pesquisadores importantes como Carlos Chagas, que desenvolvia, em Lassance, estudos sobre aspectos hematológicos da doença de Chagas.

Ezequiel Dias participou ativamente da vida acadêmica na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e publicou inúmeros artigos nos jornais da capital mineira, contribuindo para o movimento intelectual da época. Também participou da articulação entre o governo do Estado e o Instituto Oswaldo Cruz para implantação de um posto antiofídico na filial, complementando acordo assinado no ano anterior com Vital Brasil, no Instituto Butantã de São Paulo.

O pesquisador faleceu em 22 de outubro de 1922. No ano seguinte, em sua homenagem, o Instituto passou a se chamar Ezequiel Dias.

HENRIQUE ARAGÃO¹⁷

Nascido a 21 de dezembro de 1879, na cidade de Niterói (RJ), Henrique Aragão diplomou-se na Faculdade de Medicina, em 1905.

No Instituto Oswaldo Cruz, foi assistente, chefe de serviço, professor e diretor. Neste cargo, organizou, em zonas estratégicas do país, serviços avançados e profiláticos em doença de Chagas, boubá, esquistossomose e bócio endêmico.

Coube a ele a criação do Centro de Bambuí, em Minas Gerais, para o estudo da doença de Chagas. Sua produção científica é extensa e variada e

¹⁷ Fonte: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=193&sid=58>

Acesso em 12 de janeiro de 2010

engloba diversos campos da biologia, sistemática, epidemiologia e profilaxia das doenças parasitárias do homem e dos animais, mas o seu trabalho clássico é sobre *Haemoproteus columbae* e o ciclo exo-eritrocitário dos hemosporídeos.

Aragão foi o primeiro pesquisador a demonstrar a transmissibilidade da *Leishmaniose brasiliensis* por *Phlebotomus* como também estudou os carrapatos do Brasil com a descrição de várias novas espécies, contribuindo assim para o melhor conhecimento da sistemática dos ixodídeos.

No campo da virologia, Arago deu importante contribuição aos trabalhos sobre mixomatose dos coelhos, virose capaz de provocar surtos epizooticos nos animais. A doença é fatal.

Henrique Arago foi membro de várias sociedades, entre as quais, destacam-se a *Societé de Pathologie Exotique*, *Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, da *Academia Nacional de Medicina*, entre outras.

Aragão faleceu em fevereiro de 1956.

ANEXO 2

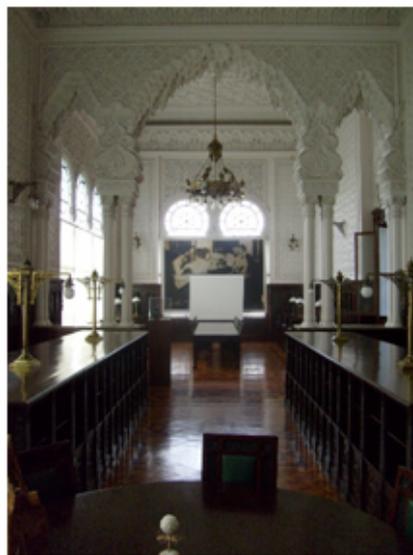
O Castelo Mourisco hoje: arquitetura que marca uma época em que eram grandes as aspirações da ciência nacional e tem na história a principal ferramenta para mediação junto ao público. O áudio-guia idealizado neste projeto busca explorar a sua história “por dentro”.



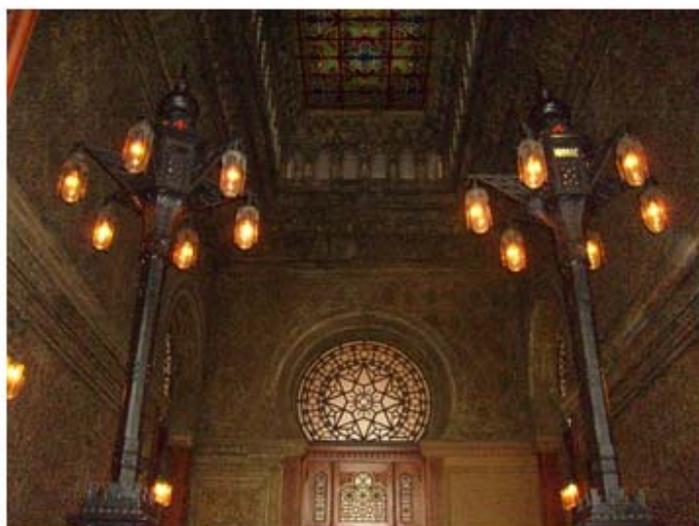
O Castelo Mourisco:
Acervo pessoal



Varanda do terceiro andar:
Acervo pessoal



Detalhes da decoração neo-mourisca: area externa e salão de leitura
Acervo pessoal



Decoração das áreas de circulação interna

Algumas imagens trabalhadas pela mediação no Castelo Mourisco há anos. O objetivo é fazer uma contextualização histórica do princípio do século XX, época da criação do instituto de manguinhos e construção do Castelo. O áudio-guia servirá ao visitante como um complemento a esta estratégia



Centro do Rio de Janeiro, imagens anteriores a reforma sanitária liderada por Oswaldo Cruz
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Arquivo de Imagem e Som



Habitação coletiva do Centro do Rio de Janeiro
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Arquivo de Imagem e Som



Brigadas da Diretoria Geral de Saúde Pública em trabalhos de combate a Peste Bubônica e Febre Amarela
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Arquivo de Imagem e Som



Demolições para a abertura da Avenida Central
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Arquivo de Imagem e Som



Imagens da Revolta da Vacina:
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: Arquivo de Imagem e Som